



ADULTEZ EMERGENTE E UNIVERSIDADE: O SENTIMENTO “IN-BETWEEN”

ADULTEZ EMERGENTE Y UNIVERSIDAD: EL SENTIMIENTO “IN-BETWEEN”

EMERGING ADULTHOOD AND UNIVERSITY: THE FEELING “IN-BETWEEN”

Cecilia Prado Cunha Souza Santos¹

Júlia Aragão Smitberger²

Thaís Alves Seibert dos Santos³

Luiza Caldas⁴

Bernadette Alekawa Nkoso⁵

Jacqueline Silva Lima Borges⁶

Betânia Diniz Gonçalves⁷

RESUMO: A adulez emergente, conforme Jeffrey Arnett (2000), é caracterizada como a fase entre a adolescência e a vida adulta, contemplando a idade de 18 a 25 anos. Desse modo, o presente artigo tem como objetivo identificar as principais dificuldades que os jovens universitários enfrentam no processo de tornarem-se adultos, investigando a existência dessa fase. Buscaremos também apontar os papéis assumidos pela universidade nesse processo. Os principais teóricos utilizados para embasar a pesquisa foram: Jeffrey Arnett (2000, 2014), desenvolvedor do termo indicador da fase estudada e Vygotsky (1991) que foi utilizado para explicar a construção social do indivíduo. Já quanto à metodologia utilizada, optou-se, para a obtenção dos dados, a entrevista semi-estruturada tendo em vista sua flexibilidade. Os resultados a que chegamos apontam para a existência da adulez emergente e trazem as vivências dos jovens, tendo em vista o papel da universidade, do núcleo familiar, e também os aspectos emocionais e a influência do nível socioeconômico. A pesquisa busca, assim, trazer informações a respeito da fase da adulez emergente, além de propor novas perspectivas tanto para o jovem, quanto para as universidades, contribuindo ainda para que diferentes diretrizes sejam pensadas.

PALAVRAS-CHAVE: Adulez emergente; Universidade; Níveis socioeconômicos; Autonomia.

RESUMEN: La adulez emergente según Jeffrey Arnett (2000), se caracteriza como la fase entre la adolescencia y la edad adulta, que va desde los 18 a los 25 años. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo identificar las principales dificultades que enfrentan los jóvenes universitarios en el proceso de convertirse en adultos, investigando la existencia de esta fase. También buscaremos señalar los roles que asume la universidad en este proceso. Los principales teóricos utilizados para sustentar la investigación fueron: Jeffrey Arnett (2000, 2014), desarrollador del término indicador para la fase estudiada, y Vygotsky (1991), que fue utilizado para explicar la construcción social del individuo. En cuanto a la metodología utilizada, se optó por la entrevista semiestructurada para la obtención de los datos, considerando su no rigidez. Los resultados a los que llegamos apuntan a la existencia de una edad adulta emergente y recogen las experiencias de los jóvenes, teniendo en cuenta el papel de la universidad, el núcleo familiar, y también los aspectos emocionales y la influencia del nivel socioeconómico. La investigación busca así aportar información sobre la fase adulta emergente, además de proponer nuevas perspectivas tanto para los jóvenes como para las universidades, contribuyendo también a que se consideren diferentes pautas.

PALABRAS CLAVE: Adulez emergente; Universidad; Niveles Socioeconómicos; Autonomía.

ABSTRACT: According to Jeffrey Arnett (2000), emerging adulthood is the phase between adolescence and adulthood, from the age of 18 to 25 years. This article aims to identify the main obstacles that young university students face in the process of becoming adults, investigating the existence of this phase. We will also seek to

¹ Psicólogo graduado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: cehprado17@gmail.com

² Psicólogo graduado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: julia.schmitb@gmail.com

³ Psicólogo graduado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: thaisalves369@gmail.com

⁴ Psicólogo graduado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: luizacaldas@gmail.com

⁵ Psicólogo graduado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: bernadette.nkoso@gmail.com

⁶ Psicólogo graduado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: jacq_slb@hotmail.com

⁷ Professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: betaniadg@pucminas.com.br

point out the roles assumed by the university in this process. The main authors used in the research were: Jeffrey Arnett, developer of the term indicator of the studied phase and Vygotsky, who explained the social construction of an individual. The chosen methodology to obtain the data was the semi-structured interview in view of its non-rigidity. The results point to the existence of the Emerging Adulthood and bring the experiences of young people, in view of the role of the university, the core family, as well as the emotional aspects and the influence of the socioeconomic level. This, the paper seeks to bring information about the Emerging Adulthood phase, in addition to proposing new perspectives for both young people and institutions, which contributes to different guidelines being considered in universities.

KEYWORDS: Emerging Adulthood; University; Socioeconomic Level; Autonomy.

1 INTRODUÇÃO

A fase da adultez emergente, conforme Jeffrey Arnett (2000), é descrita como a fase entre a adolescência e a vida adulta, contemplando a idade de 18 a 25 anos. De acordo com Arnett (2000), como citado por Monteiro, Tavares e Pereira (2009)

Este período apresenta características específicas que o tornam distinto dos períodos desenvolvimentais da adolescência e da adultez e é marcado, predominantemente, pela exploração da identidade, pela instabilidade, pelo autofocus, pela vivência do sentimento “in-between” e pela percepção de possibilidades múltiplas. (Monteiro et al., 2009, p. 1)

O conceito e as pesquisas sobre adultez emergente começaram a ser assunto da sociedade acadêmica após a contemporaneidade ter em pauta uma forte globalização. O atual tempo vivido traz esse desafio árduo de transformações rápidas e perda dos marcos fixos de identidade, como por exemplo tradições culturais, valores e rituais de passagem, principalmente para a vida do jovem entre 18 e 25 anos que está se emancipando para a vida adulta. Isso, pois, ele busca encontrar uma base sólida de valores sociais para trilhar um caminho na vida, como uma atividade profissional, estudos acadêmicos, vivências amorosas, constituições de família, dentre outros (Le Breton, 2017).

Atualmente, vivemos um período que o sociólogo Zygmunt Bauman (1999) classificou como Modernidade Líquida, em que a esfera social possui características mais fluídas e voláteis, sem definições e marcos fixos, ocasionando transformações no cotidiano moderno. Segundo Le Breton (2017), atualmente, muitos jovens prolongam sua juventude por não conseguirem autonomia devido ao desemprego, a sucessão de empregos casuais, e a solidariedade familiar que os protege. Além disso, afirma-se que os jovens estudantes na ocupação de seus estudos irão alcançar a adultez após conseguir sua independência financeira em torno dos 25 anos. Isso implicada também no sentimento “in between” descrito por Arnett (2000) já que o jovem atual não se vê nem como adulto nem como adolescente, se vendo por vezes em um lugar entre esses dois marcos, lugar esse que não é definido. Desse modo, Le Breton (2017) afirma:

A entrada na vida adulta não é mais um dado de evidência, mas uma conquista para muitos jovens. Nada os assegura de que as dificuldades que encontram são provisórias e que logo serão resolvidas. Essa zona de turbulência implica um período intenso de experimentação, de confronto com os outros, de procura de limites de sentido. As dificuldades da entrada da vida não se reduzem a uma “simples” crise de adolescência, são mais profundamente uma crise do sentido da vida, e, portanto, uma crise da juventude na sua tentativa de ter acesso à idade adulta- (Le Breton, 2017, p. 85).

Ademais, enquanto estudantes de psicologia, os autores do presente artigo observaram que a temática da adulez emergente é pouco tratada na grade curricular, já que ao serem estudadas as etapas do desenvolvimento, percebe-se que são abordadas apenas as fases da infância, adolescência, adulez e velhice. Desse modo, a partir também de diversos relatos dos jovens que estão nesse período, que afirmam encontrar dificuldades no seu processo de identificação em alguma etapa do desenvolvimento, não se vendo nem como adultos, nem como adolescentes, constatou-se que essa etapa necessita um enfoque maior. Pensando nisso, a presente pesquisa buscou contribuir com novas informações a respeito da vivência da adulez emergente possibilitando ao jovem uma identificação maior com o acréscimo dessa fase, ampliando a compreensão de seus conflitos internos, causados pela indefinição desse período inconsistente e desafiador. Essa pesquisa buscará trazer novas perspectivas tanto para o jovem, quanto para as instituições, contribuindo ainda para que diferentes diretrizes sejam pensadas nas universidades.

Com base nesse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo identificar as principais dificuldades que os jovens universitários, de 18 a 25 anos, enfrentam na passagem da juventude para a vida adulta, buscando demonstrar a existência da fase da adulez emergente descrita pelo teórico Jeffrey Arnett. O Mapa do Ensino Superior no Brasil 2020, divulgado pelo Instituto Semesp, traz que mais da metade das matrículas (59,2% das feitas em instituições públicas e 53,7% das privadas) são de alunos com idade entre 19 e 24 anos (Agência Brasil, 2020). Tendo isso em vista, buscou-se ainda apontar como a universidade contribui para o tornar-se adulto do jovem universitário considerando a influência do nível socioeconômico nesse processo e a teoria de Vygotsky, cujo objetivo é “caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formam ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida do indivíduo” (Vygotsky, 1991, p. 17).

Para isso, utilizou-se como metodologia a entrevista semiestruturada que permite uma maior flexibilidade, contemplando o desejo dos autores de permitir ao entrevistado uma maior espontaneidade nas respostas. Além disso, fez-se uso também de um questionário para analisar o nível socioeconômico (NSE) dos participantes, buscando assegurar a participação de

indivíduos de diversos níveis socioeconômicos. Sendo assim, o artigo em questão foi dividido em três grandes partes, sendo a primeira dedicada a metodologia que foi utilizada, buscando assegurar o rigor científico da pesquisa. Na segunda, buscou-se explicar os resultados obtidos com a pesquisa, de modo que esses resultados e discussões foram ainda divididos em três categorias: O sentimento “*in between*”: adolescência ou adultez?; O papel da universidade no processo de tornar-se adulto; Aspectos emocionais e socioeconômicos na vivência da adultez emergente. Por fim, o artigo buscou apresentar as considerações finais dos autores destacando a confirmação da existência da fase da adultez emergente e alguns dos principais processos observados com as entrevistas.

2 METODOLOGIA

Essa pesquisa teve natureza qualitativa, tendo em vista o objetivo geral, que foi identificar as principais dificuldades dos jovens universitários na passagem da juventude para a vida adulta. Além disso, investigou-se também o papel da universidade no desenvolvimento do indivíduo que estaria relacionado a uma série de fenômenos sociais. Assim, foi necessário um método qualitativo, que conforme Serapioni (2000) possui uma capacidade de fazer emergir aspectos novos, de ir a fundo do significado e de estar na perspectiva do sujeito, sendo, desse modo, apto para descobrir novas conexões e explicar significados.

Tendo isso em vista, utilizou-se para a coleta de dados, a entrevista semiestruturada. Conforme Manzini (1990/1991),

Geralmente, a entrevista semi-estruturada está focalizada em um objetivo sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. [...] É mais adequada quando desejamos que as informações coletadas sejam fruto de associações que o entrevistado faz, emergindo, assim, de forma mais livre (Manzini, 1990/1991, p. 154).

Desse modo, a entrevista semiestruturada foi escolhida levando em consideração flexibilidade. Com isso, ela contemplou o desejo de permitir ao entrevistado uma maior espontaneidade nas respostas, o que permite considerar aspectos relevantes de sua subjetividade, que talvez não apareceriam com a utilização de outro método.

Além disso, é significativo ressaltar a importância da formulação de um roteiro para as questões que foram abordadas na entrevista. Isso, pois, apesar do caráter mais fluido que a entrevista semi-estruturada possui, que permite a alteração e adição de novas questões ao longo do contato entre entrevistador e entrevistado, um roteiro bem planejado que contemple os

objetivos desejados é de suma importância. Ademais, utilizou-se também um questionário para analisar o nível socioeconômico (NSE) dos participantes. “Assume-se que o NSE [...] é um construto teórico, que não pode ser diretamente medido, mas que se manifesta na educação, ocupação e renda dos responsáveis pela família.” (Alves; Soares, 2009, p.7). Desse modo, o questionário foi utilizado a fim de assegurar a participação de indivíduos de diversos níveis socioeconômicos, objetivando comparar a vivência da adultez emergente nas diferentes condições socioeconômicas existentes e garantindo uma amostra diversificada. Ademais, para a montagem do questionário socioeconômico foi considerado ainda que as diferenças socioeconômicas dos indivíduos “[...] se associam às oportunidades educacionais, às trajetórias ocupacionais, ao prestígio social, ao acesso aos bens e serviços, ao comportamento político e social etc.” (Alves; Soares, 2009, p.2).

Para tanto, tivemos como amostra do estudo 6 jovens universitários. Buscou-se contemplar 3 níveis socioeconômicos (alto, médio e baixo), e a amostra foi selecionada por meio do questionário socioeconômico que foi divulgado em redes sociais como o Instagram. Como detalhado na caracterização dos entrevistados, foram realizadas entrevistas com 4 mulheres e 2 homens com características e níveis socioeconômicos distintos. Ademais, a idade dos participantes foi de 18 a 25 anos, pois esse é o intervalo que conforme Arnett (2000) representa a fase da adultez emergente, tema da pesquisa. Inicialmente, o intuito seria entrevistá-los no ambiente das universidades, tanto públicas, quanto privadas. Entretanto, com a implantação do Ensino Remoto no ensino superior, em decorrência da pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, as entrevistas foram realizadas por meio de videoconferências na plataforma Zoom que possibilitaram um contato visual e sonoro efetivo.

Além disso, é importante ressaltar os cuidados éticos tomados para a realização da entrevista. Como principal cuidado teve-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que tem o objetivo de possibilitar aos participantes da pesquisa o esclarecimento da investigação realizada. Nesse termo fala-se dos direitos dos participantes, além dos riscos e benefícios da pesquisa, visando fazer com que a sua participação na pesquisa seja voluntária, e que tenha plena consciência do que irá ser pesquisado e de seu papel nesse processo. Ademais, buscou-se, por parte dos entrevistadores, ter uma conduta ética ao longo do processo, se abstendo de julgamentos de valor, e mantendo uma postura tranquila e acolhedora.

Por fim, após o devido consentimento as entrevistas foram gravadas e depois transcritas. É importante destacar que a identidade dos entrevistados foi preservada e para isso, os nomes descritos no artigo foram fictícios sendo escolhidos pelo grupo de forma aleatória. Assim, posteriormente, para a análise dos dados, utilizou-se o método de análise de conteúdo.

Conforme Bardin (1977), esse método seria

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens (Bardin, 1977, p.42).

Desse modo, a partir da análise de conteúdo e dos referenciais teóricos estudados, foi possível identificar nas entrevistas os aspectos levantados em nossos objetivos gerais e específicos que foram destrinchados nas categorias de análise descritas ao longo do artigo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Maurício é um homem branco com 21 anos, mora com mais duas pessoas, sua fonte de renda mensal é maior que 15 salários-mínimos, atualmente não possui um trabalho. Está estudando em uma Universidade Pública. Estudou em escola particular, sem bolsa de estudos. Seu pai e sua mãe possuem Ensino Superior Completo. Caracterizado a partir disso com NSE alto.

André é um homem branco com 20 anos, mora com uma pessoa e sua fonte de renda mensal é de 1 a 3 salários-mínimos, atualmente não possui um trabalho. Está estudando em uma Universidade Pública, sua fonte de renda é baseada na assistência estudantil que recebe. Ao longo de sua vida frequentou escola pública, seu pai e sua mãe possuem Ensino Fundamental completo. Caracterizado a partir disso com NSE baixo.

Paula é uma mulher, parda, de 21 anos que mora com quatro pessoas e sua renda mensal é de mais de 15 salários-mínimos, atualmente sua fonte de renda é advinda do seu trabalho com Marketing e esse trabalho é dispensável para dar continuidade aos seus estudos, seus pais pagam sua faculdade. Paula estuda em uma Universidade particular e ao longo de sua vida frequentou escola particular sem bolsa de estudos. Sua mãe e seu pai possuem Ensino Superior Completo. Caracterizado a partir disso com NSE alto.

Ana Luiza é uma mulher, parda, de 19 anos que mora com duas pessoas e sua renda mensal é de 3 a 6 salários-mínimos. Começou a trabalhar com 18 anos e atualmente é estagiária, seu trabalho atual é necessário para a continuidade dos estudos na Universidade particular, na qual possui bolsa integral para o curso. Ao longo de sua vida, frequentou escola particular sem bolsa de estudos. Seu pai possui Ensino Fundamental Completo e sua mãe tem Ensino Médio Completo. Caracterizado a partir disso com NSE médio.

Rachel é uma mulher, branca, de 21 anos, que mora com duas pessoas e sua renda é de 1 a 3 salários-mínimos. Começou a trabalhar com 21 anos e atualmente trabalha como estagiária em economia, seu trabalho não é dispensável para os estudos. Estuda em uma Universidade particular com bolsa integral. Ao longo de sua vida escolar frequentou escola pública. Seu pai possui Ensino Médio Completo e sua mãe Ensino Fundamental Incompleto. Caracterizado a partir disso com NSE baixo.

Fernanda é uma mulher de 20 anos, que mora com uma pessoa e possui renda mensal de 9 a 12 salários-mínimos, começou a trabalhar com 19 anos e atualmente trabalha fazendo Estágio, mas seu trabalho é dispensável para os estudos; fonte de renda é advinda da pensão e do salário do estágio; Estuda em uma Universidade particular, sua mensalidade é paga com bolsa parcial e pela família. Ao longo de sua vida escolar frequentou escola particular, sem bolsa de estudos. A escolaridade do pai e da mãe é de pós-graduação. Caracterizado a partir disso com NSE alto.

3.2 Categorias de análise

Relacionando, de forma pertinente, à teoria idealizada por Jeffrey Arnett, sobre a fase adultez emergente, buscamos realizar a análise de conteúdo das entrevistas tendo em vista nossos objetivos gerais e específicos. Dessa forma, ressaltamos na análise as dificuldades que os jovens podem enfrentar durante a fase da adolescência para a vida adulta, focalizando e identificando como os jovens entrevistados vivenciam esse período de transição, além de compreender como a universidade e o nível socioeconômico de cada indivíduo podem influenciar o processo. Sendo assim, abordaremos as categorias: o sentimento “*in between*”: adolescência ou adultez?; O papel da universidade no processo de tornar-se adulto; Aspectos emocionais e socioeconômicos na vivência da adultez emergente.

3.2.1 O sentimento “*in between*”: adolescência ou adultez?

Tendo em vista nosso objetivo de investigar a existência da fase da adultez emergente entre pessoas que estão inseridas na faixa etária de 18 à 25 anos de idade e, relacionando a teoria com as entrevistas, foi possível observar que a maioria dos indivíduos entrevistados ainda não possuem um conceito definido sobre qual fase pertencem. Como citado por Mendonça, Arnett (2000) o “prolongamento do espaço que medeia o final da adolescência e o início da idade adulta deu origem a um novo período com características próprias no desenvolvimento humano, denominado adultez emergente” (Mendonça, 2007, p. 2)

Dessa forma, levando em consideração nosso objeto de estudo, pudemos observar com a fala dos entrevistados essa dificuldade durante a transição, como é relatado por **Paula** (21 anos, NSE alto) que diz: “eu acho que eu não me encaixo em nenhuma das duas, porque eu tenho muito do adolescente ainda, que é essa, essa dependência das coisas e tal, e ao mesmo tempo já tenho algumas dessas responsabilidades do adulto”. Isso também aparece na fala de **Maurício** (21 anos, NSE alto), o qual afirma: “[...] vários aspectos da minha vida que eu enxergo como adulto e vários aspectos da minha vida que eu me enxergo como adolescente”.

Outro indício observado com as entrevistas que também aponta para a existência da adulez emergente está relacionado às características da fase em questão. Para isso, levamos em consideração a afirmação de Monteiro, Tavares e Pereira (2009) que utilizam a teoria de Arnett (2000) para mostrar que

[...] este período apresenta características específicas que o torna distinto dos períodos desenvolvimentais da adolescência e da adulez e é marcado, predominantemente, pela exploração da identidade, pela instabilidade, pelo autofocus, pela vivência do sentimento “*in-between*” e pela percepção de possibilidades múltiplas (Monteiro et al., 2009, p. 1)

Assim, com diversas falas dos entrevistados, percebemos características semelhantes às apresentadas por Arnett. Um exemplo disso está na fala de **Maurício**, ao afirmar sobre esse sentimento “*in-between*”:

Então eu diria que (...) vários aspectos da minha vida eu enxergo ela como adulto e vários aspectos da minha vida que eu me enxergo como adolescente, e é muito difícil. Parece injusto você querer se classificar como alguma coisa sendo que tem tanto da outra ainda presente em você e, assim, se eu fosse pra escolher eu diria que eu tô mais para adolescente que para adulto, ainda, mas talvez se outra pessoa falasse de mim, ela teria uma resposta diferente, é difícil de ver, assim, eu nunca olhei uma classificação para saber o que classifica como adulto, além de me ver como adulto. Se eu cometer um crime eu vou preso então (...) eu não sei. (Maurício, 21 anos, NSE alto)

Rachel (21 anos, NSE baixo) também demonstra que está na fase de transição, afirmando que “[...] hoje eu sou adolescente amanhã eu sou adulto, acho que tem uma fase de confusão entre essas fases né, é que tem muitas confusões, muitos conflitos, muitas descobertas [...]” relatando sobre a instabilidade vivida por ela nesse momento.

É importante ressaltar ainda a influência da sociedade e principalmente de seus vínculos familiares e de amizade na vivência da adulez emergente. De acordo com Arnett (2000) o processo de adulez emergente

[...] se distingue pela relativa independência dos papéis sociais e das expectativas normativas. Tendo deixado a dependência da infância e da adolescência, e ainda não tendo assumido as responsabilidades duradouras que são normativas na idade adulta

[...] (Arnett, 2000, p. 469)

Arnett já demonstra a importância dos papéis sociais e das expectativas normativas em sua teoria e, a partir da fala de alguns entrevistados, podemos perceber que sua identificação com determinada fase está diretamente relacionada com a forma que é visto pela sociedade. Observamos isso com a fala de **André**:

[...] acho que adulto, pela minha idade, vou fazer vinte e um anos e por ser considerado pela sociedade como adulto mesmo, então, a gente aceita e também pela fase de vida que eu estou, estou na faculdade, faltam só mais três períodos para me formar (...) Então acho que é isso, pela sociedade sou considerado adulto então é isso mesmo.[...] (André, 20 anos, NSE baixo)

Dessa forma, observamos ainda que no momento em que os entrevistados eram questionados sobre a fase do desenvolvimento que se identificavam, a grande maioria que respondia adulto, se via assim pois era essa a forma como a sociedade o classificava. Evidenciamos que essa classificação era principalmente devido a idade e às relações sociais que cercam o indivíduo. A sociedade influencia nas formas como cada um se identifica, por isso, quando questionados, os sujeitos apresentaram exemplos externos quanto a essa questão, sempre mostrando que, apesar dos conflitos que cada um possuía, a sociedade os identificava como adultos e por isso se viam assim também. Por fim, ressaltamos ainda que os fatores que influenciavam o processo de desenvolvimento do indivíduo dependem também de especificidades na vivência de cada um, como o núcleo familiar, a universidade, aspectos emocionais e o nível socioeconômico. Tais tópicos serão destrinchados em outras categorias de análise ao longo do artigo.

3.2.2 O papel da universidade no processo de tornar-se adulto

O papel das universidades, atualmente, vai para além da função de formar jovens para o mercado de trabalho. A partir da análise das entrevistas realizadas percebe-se que além de agregar conhecimento científico, a universidade assume um grande papel no processo de tornar-se adulto do indivíduo. Desse modo, buscaremos neste tópico discutir os principais aspectos citados pelos jovens entrevistados no contexto universitário, sendo estes: **a construção da identidade, a socialização, novas responsabilidades e o papel dos professores** no tornar-se adulto e na entrada para o mercado de trabalho.

Quando se pensa na **construção da identidade** no espaço da universidade, deve-se ter em mente que esse espaço, bem como a fase vivida em questão, permite a exploração de diversos âmbitos da vida. Essa construção implica, assim, em definir uma concepção de si

mesmo, uma definição de seus valores, prioridades, metas e caminhos pelos quais deseja seguir. De acordo com Arnett (2000), como citado por Monteiro, Tavares e Pereira (2009)

A adultez emergente é a idade da exploração da identidade, na medida em que, ao longo deste período, existe a exploração de diversas possibilidades em áreas distintas, principalmente na vida profissional e na vida afetiva. É neste processo de exploração de possibilidades que o adulto emergente clarifica as suas identidades. Numa fase em que são mais independentes dos seus pais, mas que ainda não assumiram compromissos típicos da idade adulta (e.g., casamento, parentalidade), os adultos emergentes têm oportunidade única para experimentar e viver diferentes possibilidades. (Monteiro, 2009, p.131)

Nesse sentido, percebe-se que a universidade altera a percepção do indivíduo sobre si mesmo. Isso ocorre na medida em que a partir da mudança do ambiente e da forma em que é visto nesse novo espaço, o Adulto Emergente passa a construir uma nova identidade, como observado nas falas de **Maurício** abaixo:

[...] muda um pouco a dinâmica de tudo que acontece, porque as coisas estão na sua mão e daí para a frente é meio que com você e assim, isso pode ser um pouco assustador, pode ser desafiador, pode ser um tanto de coisa, mas com certeza tem nuance de exigir alguma mudança brusca ou não em você, [...] não tem como você não mudar, assim, você pode tentar ficar e tentar fazer a mesma coisa que você faria antes de entrar na faculdade, mas o ambiente é outro então os resultados vão ser outros e tudo vai mudar. [...] Na faculdade, partindo da premissa que você é um adulto eles vão te tratar de formas muito diferentes e nisso você vai agir de forma diferente querendo ou não e “aí pá, adulto, dá seu jeito de fazer as coisas [...]” (**Maurício**, 21 anos, NSE alto)

Percebe-se ainda que a construção da identidade está diretamente relacionada com a **socialização** na universidade, bem como ao ambiente em si. É um momento em que o jovem vai conviver com pessoas de diferentes classes sociais, personalidades e histórias. Para explicar a influência da universidade nos processos de desenvolvimento, podemos tomar como base, o conceito de Vygotsky de Zona de Desenvolvimento Proximal. Entende-se que

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. A zona de desenvolvimento proximal prevê psicólogos e educadores de um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1991, p. 58).

A Zona de Desenvolvimento Proximal permite uma reflexão acerca do papel da interação nas construções individuais e coletivas do indivíduo. Assim, tomando ainda como base a teoria de Vygotsky, pode-se interpretar que as interações sociais construídas na universidade desempenham um papel sócio construtivista na vida do sujeito. Segundo Boiko e Zamberlan,

O sócio-construtivismo é uma teoria que vem se desenvolvendo, com base nos estudos de Vygotsky e seus seguidores, sobre o efeito da interação social, da linguagem e da cultura na origem e na evolução do psiquismo humano. Segundo este referenci-

al, o conhecimento não é uma representação da realidade, mas um mapeamento das ações e operações conceituais que provaram ser viáveis na experiência do indivíduo. (BOIKO; ZAMBERLAN, 2001, p.51)

Sendo assim, foi possível observar, ao longo das entrevistas, momentos em que os entrevistados dizem desses aspectos interacionais dentro das universidades. Como colocado por **Maurício**:

[...] você, naturalmente, faz amigos na faculdade, você conhece pessoas na faculdade. Talvez seja um pouco mais acentuado que, apesar de estar mais velho, está encontrando pessoas que têm interesse pelo menos parecido com o seu porque eles escolheram a mesma faculdade que você [...] (**Maurício**, 21 anos, NSE alto)

Vê-se ainda com relação às interações sociais o contato com novas formas de ser no mundo, como é descrito por **Rachel** a respeito das contribuições da universidade para seu desenvolvimento

[...] Olha, ela pode contribuir por uma questão de sociabilidade. No sentido de que quando se está na faculdade você conhece pessoas novas e pessoas muito diferentes de você, então faz parte de tipo, de se tornar adulto. Você define o que você vai ser [...]. E o social acaba influenciando. Você conhece uma pessoa e fala: “Eu quero ser como ela”, “Essa pessoa eu admiro como ela é.”. Ou não: “Eu não quero ser com essa pessoa.”. Então você tem a chance de conhecer muitas possibilidades de vida enquanto que antes existe um mundinho fechado. Lá faculdade não. Você abre o seu horizonte, você vê coisas novas [...] (**Rachel**, 21 anos, NSE baixo)

Além disso, com a entrada na universidade, surgem mais **responsabilidades**, fazendo com que o indivíduo se torne cada vez mais independente. Esse momento pode ser visto na fala de **André** que afirma também sobre o papel da universidade no tornar-se adulto

[...] pela questão da responsabilidade, acho que quando você tá na faculdade você tem uma carga de responsabilidade bem maior, quando você sai da escola para a faculdade é uma diferença bem grande né (...) Então estão lá, professores, doutores, te passando trabalhos, com prazos, com prazos curtos e conteúdos para estudar (...) Você tem que estar ali pontualmente, não tem como chegar a hora que você quiser, tem que ter responsabilidade de entrar na hora correta (...) Então assim, você está ali sendo responsável por si mesmo, então o que você fizer vai te afetar (...) Então tem essa questão que você é responsável por si mesmo (...) E também pelas vivências que a gente tem. Como por exemplo, os estágios, a comunicação com outras pessoas, os trabalhos mesmo. (**André**, 20 anos, NSE baixo)

Observa-se ainda que as novas responsabilidades adquiridas com a entrada na universidade, estão relacionadas a maior autonomia, diferentemente de como acontecia no ensino médio. Tal situação, conforme a fala de **Maurício**, pode gerar incertezas e sentimentos como o medo, que exigem a superação de novos desafios.

[...] Para algumas pessoas é um choque para algumas nem tanto, eu acho que até pelo colégio vim do ensino médio, não foi um choque assim para mim, mas ainda assim é uma carga pesada de coisas que vêm para o seu domínio, que você tem o controle (...) você não tem mais que apresentar boletim para ninguém (...) isso muda um

pouco a dinâmica de tudo que acontece, porque as coisas estão na sua mão e daí para a frente e, assim, isso pode ser um pouco assustador, pode ser desafiador, pode ser um tanto de coisa, mas com certeza tem nuance de exigir alguma mudança brusca [...] (**Maurício**, 21 anos, NSE alto)

Percebe-se, assim, com as falas dos entrevistados, que a entrada na universidade, seja ela pública ou particular, evidencia diferenças quando comparadas às vivências dos jovens no ensino médio e na faculdade. Isso, pois, o estudante inserido no contexto do Ensino Médio não possui tanta liberdade e autonomia, tendo em vista a existência de regras e normas mais rígidas em relação às escolhas pessoais, fazendo com que o estudante tenha uma menor flexibilidade de escolhas e uma dependência notável. Isso também é colocado pela entrevistada **Fernanda (20 anos, NSE alto)** que diz que “Na escola que eu estudava, tinha que pedir permissão até pra ir no banheiro e beber água, então assim, eu acho que no começo é muito impactante, mas aos poucos você vai acostumando [...]”

Com isso, vê-se que muitas de suas responsabilidades eram, antes, transferidas a outras pessoas, normalmente aos professores, coordenadores e até mesmo diretores. Porém, quando esse estudante entra na universidade, consegue-se observar que o aluno adquire uma maior autonomia, tendo a liberdade de fazer suas próprias escolhas e lidar com as consequências. Ainda sobre as novas responsabilidades adquiridas na universidade, podemos observar esse aspecto também na fala de **Fernanda**, a qual afirma que

[...] A faculdade te dá responsabilidades que a escola jamais vai te dar. É(...) Você é jogado assim numa sala de aula com pessoas que não tem nada a ver, muitas vezes com quem você estava acostumada a conviver na escola, pessoas de diferentes cidades, pessoas de diferentes idades, professores às vezes até de diferentes lugares do mundo. E você não tem ninguém ali para cobrar se você não fez seu para casa. Você não tem ninguém ali para cobrar se você estudou a matéria. Você não tem ninguém ali nem para cobrar se você vai ou não assistir aula, vai ou não ao banheiro [...] (**Fernanda**, 20 anos, NSE alto)

Ademais, ressalta-se o **papel dos professores** no tornar-se adulto dos indivíduos. Eles são vistos como exemplo, guia e também auxiliam na independência dos estudantes, os responsabilizando por seus atos. Esse papel é descrito nos seguintes relatos:

Olha, alguns professores são muito marcantes, sabe? Eles fazem parte daquele grupo de pessoas que eu quero me tornar ou não. Então eles influenciam bastante, principalmente na relação profissional, sabe? De que profissional quero ser, de que tipo de ética que eu vou adotar, de que tipo de pessoa que eu vou me tornar. E tem a ver com a responsabilidade também né? Responsabilidade profissional. Então eles exercem essa influência sim. (**Rachel**, 21 anos, NSE baixo.)

[...]eles têm uma experiência de vida muito maior do que a nossa, eles entendem sobre o campo de trabalho do curso, então acho que eles te passam essa visão, fazem essa ponte ali entre o aluno e o mercado de trabalho... Então acho que os professores são fundamentais. (**André**, 20 anos, NSE baixo)

Constata-se ainda, a importância dos estágios obrigatórios, projetos de extensão, monitorias, dentre outros, para o preparo para a vida adulta, tendo em vista principalmente a entrada no mercado de trabalho. Esse aspecto também é marcado pela influência dos professores, que auxiliam na responsabilização nos estágios, como descrito por **Paula** ao relatar suas experiências em um estágio obrigatório da universidade:

[...] e aí quando alguma coisa dá errado nos primeiros semestres eles não cobravam isso da gente sabe, mas agora já é tipo “Porque que deu errado? Tipo, deu errado por que você fez isso e isso então você que conserte sabe?” [...] E eu acho isso muito bom, sabe, é uma cobrança real, é o que eu vou viver mesmo no meu local de trabalho e acho que a forma que eles colocam faz a gente criar essa responsabilidade sabe? De pensar mais antes, de estudar mais antes. (**Paula**, 21 anos, NSE alto.)

Por fim, é importante destacar a influência de aspectos emocionais e socioeconômicos no processo de tornar-se adulto do indivíduo, estando ou não relacionados com a vivência na universidade. Esse tópico receberá destaque na categoria a seguir.

3.2.3 Aspectos emocionais e socioeconômicos na vivência da adulez emergente

Conforme Jeffrey Arnett (2004), a adulez emergente é um período marcado por diversas mudanças do jovem em sua passagem para a vida adulta, de forma que o sujeito possa se desenvolver e criar uma identidade adulta. É possível afirmar que dependência emocional é uma condição que pode afetar as habilidades dos jovens de ter uma relação saudável e satisfatória com a vida. Ela possui influência na tomada de decisões, de forma que, é passado para os jovens a ideia de ainda não possuírem autonomia o suficiente para ter suas próprias escolhas e que precisam do auxílio familiar ou de outras pessoas que estão em ascendência social para sustentar suas escolhas. No artigo “Adolescência e jovem adultícia: crescimento pessoal, separação-indivuação e o jogo das relações” de Mota e Rocha (2012), entende-se que a passagem dos jovens para a vida adulta recebe muito mais atenção e apoio dos familiares. Os pais desempenham um papel importante, pois auxiliam -o sujeito na escolha de sua profissão e a desenvolver sua autonomia para a entrada em uma universidade.

Além disso, segundo Arnett (2011), como descrito por Pereira (2019, p.15), “a adulez emergente é caracterizada pela postergação em assumir os papéis que anteriormente eram designados como pertencentes à expressão da vida adulta”. Dessa forma, o Adulto Emergente vai passar por diversas mudanças, externas e internas, as quais terão impacto em seu desenvolvimento para se tornar adulto. Logo, um dos grandes contribuintes para esse desenvolvimento é a influência parental. De acordo com Mota e Rocha (2012), com base nos estudos de Middleton e Laughead,

A influência parental no desenvolvimento pessoal para a carreira dos adolescentes pode ainda (...) ser perspectivada do ponto de vista da distinção entre Influências Definidoras e Influências Modeladoras. A primeira respeita essencialmente ao contacto direto, normalmente com os pais, como forma de aquisição de informação acerca das tarefas associadas a diferentes profissões. A segunda respeita a informação obtida por aprendizagem (...), onde o jovem, tradicionalmente através de fontes externas à família, observa o desempenho de diferentes profissões, não implicando tal o contacto directo com os actores profissionais. (MOTA, ROCHA. 2012, p.362)

Sendo assim, alguns entrevistados, ao serem questionados sobre as características da fase em que estão vivendo, citam uma certa dificuldade de se tornarem independentes dos pais, seja essa independência emocional ou financeira. Há também a pressão pela tomada de decisão sobre a profissão que decidirá o seu futuro, mesmo sendo tão jovens. Com isso, **Paula (21 anos, NSE alto)** afirma que “a família é o centro de apoio para que a gente passe por esse processo de uma forma mais tranquila”, mostrando que há uma relação saudável entre a cobrança familiar para se tornar independente e o tempo que o Adulto Emergente se torna independente de verdade. Por outro lado, ainda durante a entrevista com **Paula**, conseguimos observar que existem conflitos construídos pela própria entrevistada, a partir da fala:

Eu ainda moro na casa dos meus pais (...), eu trabalho, mas eu ainda dependo deles por exemplo pra pagar minha faculdade, eu não contribuo com nenhuma das contas da casa, e emocionalmente eu ainda sou, assim, muito dependente da opinião deles. (...) Sempre quando eu vou tomar alguma decisão grande eu sempre consulto eles primeiro (...) eu acredito que essa dependência ela ainda existe [...] (**Paula**, 21 anos, NSE alto.)

Diferentemente do caso anterior, tivemos relatos de entrevistados que mostram a família como um dificultador, demonstrando dificuldades em aceitar a independência dos filhos e impondo barreiras. **Ana Luiza (19 anos, NSE médio)**, por exemplo, afirma: “acho que às vezes eles meio que põem obstáculos (...). Porque eu acho que para eles também é um pouco difícil aceitar que (...) “a pessoa que eu criei a vida toda está crescendo”. Assim, como **Ana Luiza**, outra entrevistada relata em uma de suas falas sobre a sua dificuldade em estabelecer independência emocional, pois seus pais se ocupam do papel de exigir comportamentos dos adultos emergentes que os mesmos acreditam ser obrigatórios. Dessa forma, **Rachel** reconhece que:

[...] existe uma cobrança financeira, (...) por exemplo, com o que você gasta o seu dinheiro e o que que você está fazendo com ele ou “Ah você dorme muito tarde!”, por exemplo, então existe uma influência assim de seguir aquele bom caminho, sabe? De não ficar perdendo tempo, de ser um adulto como eles, basicamente assim. Mas não é uma influência muito forte, não é uma influência que te impede de ser, te impede de exercer o que você quer, mas é uma influência que assim, quer te influenciar mas se não for possível tudo bem [...] (**Rachel**, 21 anos, NSE baixo.)

A dependência emocional, portanto, é um dos fatores que dificultam o desenvolvimento do jovem, porém os entrevistados relataram que além desses aspectos a questão financeira também se torna uma questão para o seu desenvolvimento. Os aspectos socioeconômicos podem ser vistos como um fator determinante quando se trata da adultez emergente. Segundo Felinto et al. (2020), com base em Arnett (2000),

A questão socioeconômica impacta diretamente a forma como os indivíduos irão viver esse período da vida. A falta de oportunidades, as dificuldades financeiras e a situação de vida limitam as possibilidades de escolha e exploração, quando o indivíduo precisa tomar responsabilidades da vida adulta muito mais cedo tendo suas decisões influenciadas com muito mais ênfase por suas circunstâncias. (FELINTO et al., 2020, p. 8)

É importante dizer que a dificuldade em ter a autonomia financeira pode fazer com que os jovens continuem a viver mais tempo com os pais, embora essa longa permanência com os familiares possa ser ocasionada por outros problemas, pois alguns jovens são vistos como adultos em algumas circunstâncias e outras ainda não. Sabemos que a independência financeira pode ser uma chave importante para definir o futuro, pois quando não se tem uma previsão para determinar o início da entrada na vida adulta, a situação de dependência será um processo longo. Assim faz-se necessário a preparação para aprender a viver de maneira independente.

O jovem até a sua inserção em uma universidade, passa por diversas dificuldades pessoais, desde a escolha de uma profissão que se identifique até a universidade em que gostaria de entrar, no entanto, os impactos socioeconômicos não devem ser empecilhos durante a jornada acadêmica. As políticas públicas abrem espaços aos jovens para que os campus universitários tenham mais igualdade entre os alunos, de forma que todos tenham os mesmos acessos e oportunidades e possam construir uma carreira em sua jornada acadêmica conforme o seu desempenho durante o curso, de modo que o futuro profissional do jovem universitário não seja definido pelas classes sociais.

É um momento em que ele terá que lidar com situações que influenciarão o seu desenvolvimento, principalmente em sua vida profissional e acadêmica. Por isso, é preciso levar em conta os impactos gerados por uma sociedade dividida em classes, pois é evidente que todos esses jovens, possuem histórias e vivências diferentes uns dos outros e irão conviver em um mesmo ambiente então é necessário levar a situação socioeconômica em consideração quando se avalia a adultez emergente.

Entretanto, se tornar financeiramente independente não depende somente das relações familiares e da vontade do jovem, uma vez que as questões socioeconômicas do indivíduo englobam aspectos sociais. Como é o, caso de **Ana Luiza**,

[...] Porque igual eu falei dessa questão do prouni, por exemplo, eu não consigo né? Sair de casa por isso. Esse é o principal fator, porque se eu conseguir um emprego tipo, um emprego fixo, eu não consigo sair de casa, porque o ProUni tem um valor fixo, assim que se ultrapassar esse valor mesmo morando sozinho você perde a bolsa. Então eu acho que isso influencia muito também. (**Ana Luiza**, 19 anos, NSE médio)

Houve a tendência de deprender que jovens com poder socioeconômico menor iniciaram a fase adulta mais cedo em prol de assumir responsabilidades e trabalhos como fonte de renda para subsistência. O que não se configura regra, pois há jovens, como no caso de **Ana Luiza**, aluna bolsista em faculdade particular, que ganham bolsa pelo ProUni e precisam se encaixar na renda limite estipulada, o que implica que o trabalho assalariado concomitante com a faculdade traria a perda da bolsa estudantil, logo esses jovens prolongaram a vida na casa dos pais até o fim da faculdade, levando ao sentimento de pertencimento à fase da adolescência.

Ademais, há relatos de entrevistados que possuem uma renda financeira que coexiste paralelamente a de seus pais, têm dificuldade de serem independentes financeiramente pelo motivo de a família ser a responsável de pagar a mensalidade do curso na faculdade, como é relatado pela entrevistada **Paula** (21 anos, NSE alto) que afirma “Eu ainda moro na casa dos meus pais né, então, assim, eu trabalho, mas eu ainda dependo deles por exemplo pra pagar minha faculdade, eu não contribuo com nenhuma das contas da casa [...]”. Outrossim, há uma questão de oportunidades de bons salários que dão a possibilidade do Adulto Emergente conseguir viver em sua própria casa, dificultando a entrada do jovem em uma vida independente, como é mostrada pela **Fernanda**, que, ao ser questionada sobre a influência da sua situação socioeconômica no processo de se tornar adulta, afirma:

Eu acho que influencia porque (...) eu tenho liberdade para escolher o que eu quero me tornar quando eu estiver mais velha e nesse processo de construção(...), mas também, eu acho que se eu fosse acomodada por exemplo não influenciaria tanto porque eu tenho todas as condições [...] (**Fernanda**, 20 anos, NSE alto)

Fernanda (20 anos, NSE alto) ainda complementa “[...] eu não poderia sair de casa com o dinheiro que eu ganho hoje [...]”, reforçando a ideia de que há uma dificuldade entre os Adultos Emergentes em se tornarem financeiramente independente de sua família, visto que o trabalho, muitas vezes ligado a atividades relacionadas à faculdade, (estágios, bolsa de extensão, pesquisa, etc.) não recebem uma boa remuneração. Dessa forma, a independência finan-

ceira chega, muitas vezes, de forma tardia, prolongando a saída do Adulto Emergente de casa. Em casos de entrevistados com a situação socioeconômica mais elevada, no qual os pais são os responsáveis pela situação financeira da casa, foi relatado uma falta de interesse em sair de casa, como é o caso de **Paula**,

[...] por mais que agora eu ainda trabalhe eu não precisaria, sabe? O que torna mais tranquilo, assim (...), eu não me sinto obrigada a ter um emprego né, a ter uma independência financeira e tal porque meus pais têm como, ainda, me sustentar. Acredito que se eu não tivesse essa condição eu ficaria mais preocupada em ser independente mais rápido.“ (**Paula**, 21 anos, NSE alto.)

Sendo assim, é possível entender que as questões emocionais e financeiras podem ser observadas diretamente ligadas às questões familiares. Tendo isso em vista, o Adulto Emergente prolonga a estadia na casa de seus familiares com o intuito de finalizar seus estudos e, após isso, iniciar sua vida no mercado de trabalho. Então, durante a estadia existe uma dificuldade sobre o Adulto Emergente de não sofrer influência dos pais em relação a tomada de decisões e, por isso acabam sendo influenciados nos aspectos emocionais e financeiros. Tendo relação direta com a dificuldade de bons salários durante esse período e a dependência financeira, principalmente quando o adulto emergente estuda em faculdade particular, pois, em maioria, o curso é pago por seus pais, afetando o processo de autonomia do sujeito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como produto direto da presente pesquisa, cujos objetivos principais eram investigar a existência da fase da adultez emergente e descrever o papel da universidade no desenvolvimento do indivíduo, observa-se a chegada em três conclusões fundamentais. Primeiramente, destaca-se que a partir das entrevistas, foi observada a existência da fase adultez emergente. Isso, pois, pelo menos quatro dos seis universitários relatou a experiência de um sentimento “in-between”, demonstrando não se identificarem nem com a fase da adolescência nem com a adultez, apresentando ainda outras características condizentes com a teoria desenvolvida por Jeffrey Arnett, como a instabilidade, exploração da identidade, percepção de possibilidades múltiplas, dentre outras.

Em segundo lugar, destaca-se a importância da universidade no tornar-se adulto do indivíduo. Observou-se que a universidade é um meio em que os jovens são apresentados a novas responsabilidades e a partir de um novo olhar sobre si mesmos, destacado por meio da socialização com pessoas de características diversas, eles passam a construir uma nova identidade. Em sua maioria recém-saídos do ensino médio, os jovens são apresentados a uma nova

realidade, e o papel dos professores também é destacado. Esses profissionais são vistos, principalmente, como modelos a serem seguidos, auxiliando na auto-responsabilização, desenvolvimento de autonomia e também no preparo para o mercado de trabalho. Os projetos de extensão, monitorias e estágios obrigatórios também são destacados como oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional.

Por fim, observou-se a influência dos aspectos emocionais e socioeconômicos no tornar-se adulto do indivíduo, constatando que o jovem sai da casa dos pais tardiamente, principalmente, por ainda não se sentir independente o suficiente para lidar com as responsabilidades de morar sozinho. Além disso, muitos entrevistados relataram sobre a relação parental, mostrando como ainda apresentam uma dependência financeira e emocional com seus pais e como isso está diretamente ligado ao prolongamento da passagem para a vida adulta. Ademais, observa-se a importância de se considerar a influência do nível socioeconômico na vivência da adultez emergente, tendo em vista que em uma sociedade separada por classes sociais, esses aspectos influenciam nas vivências individuais e coletivas. A presente pesquisa traz dados que apontam para a existência da fase da adultez emergente, entretanto, ressalta-se que a amostra utilizada não se faz suficiente para confirmar ou negar a existência dessa fase. Ressalta-se ainda a importância de que mais pesquisas sejam realizadas a respeito da temática, tendo em vista que a partir da procura por bibliografia especializada percebeu-se que existem poucos artigos com esse enfoque, principalmente no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES, José Francisco. Medidas de nível socioeconômico em pesquisas sociais: uma aplicação aos dados de uma pesquisa educacional. *Opin. Publica*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 1-30, June 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762009000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 Nov. 2020.

ARNETT, Jeffrey Jensen. *Emerging Adulthood: A Theory of Development From the Late Teens Through the Twenties*. American Psychologist. University of Maryland College Park. Copyright 2000 by the American Psychological Association. Disponível em: <http://jeffre yarnett.com/ARNETT_Emerging_Adulthood_theory.pdf> Acesso em: 15 de set. 2020.

ARNETT, Jeffrey Jensen. *Emerging Adulthood: The Winding Road from the Late Teens Through the Twenties*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2014a. v. 1. 285 p. ISBN 978-0-19- 992938-2. Disponível em: <<http://www.jeffreyarnett.com/EAscondedition.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, v. 1, p. 150-192, 2001.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOIKO, Vanessa Alessandra Thomaz; ZAMBERLAN, Maria Aparecida Trevisan. A perspectiva sócio-construtivista na psicologia e na educação: o brincar na pré-escola. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 6, n. 1, p. 51-58, June 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722001000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2020.

DIAS, Maria Sara de Lima; SOARES, Dulce Helena Penna. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 32, n. 2, p. 272-283, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 Nov. 2020.

FELINTO, Tuíla Maciel; GAUER, Gustavo; ROCHA, Giula Bodanese; BRAUN, Karen Cristina Rech; DIAS, Ana Cristina Garcia. Eventos de vida e Construção da Identidade na Adulterez Emergente. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil, v. 2, p. 1 – 10, 2020. ISSN 1808-4281. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.ufrj.br/index.php/revispsi/article/view/52582/34212>. Acesso em: 19 Mai. 2021.

LE BRETON, David. *Uma breve história da adolescência*. Editora PUC Minas, Belo Horizonte, Minas Gerais, v.1, p. 81-87, jan. 2017.

LUCCI, M. A. A PROPOSTA DE VYGOTSKY: A PSICOLOGIA SÓCIO HISTÓRICA. *Revista de currículum y formación del profesorado*, Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 1 – 11, Dez 2006. Disponível em: <https://www.ugr.es/~recfpro/rev102COL2port.pdf>. Acesso em: 19 Mai. 2021.

MANZINI, Eduardo José. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MENDONÇA, M. P. G. de. Processo de Transição e Percepção de Adulterez: Análise Diferencial dos Marcadores Identitários em Jovens Estudantes e Trabalhadores. *Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FPCEUP)*, Porto, v. 1, p. 1 – 200, 2007. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/143398319.pdf>. Acesso em: 19 Mai. 2021.

MONTEIRO, Sara; TAVARES, José; PEREIRA, Anabela. Adulterez emergente: na fronteira entre a adolescência e a adulterez. *Revista @mbienteeducação*, São Paulo, v. 2, n.1, p. 129-137, jan./jul. 2009. Disponível em: <<http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/545>> Acesso em: 12 set.2020.

MOTA, Catarina Pinheiro; ROCHA, Magda. Adolescência e jovem adultícia: crescimento pessoal, separação-indivuação e o jogo das relações. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 357-366, set. 2012. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 maio 2021.

PEDUZZI, P. Mapa do Ensino Superior aponta maioria feminina e branca. Estudo mostra o perfil do estudante universitário brasileiro. Agência Brasil, Brasília, maio 21/2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/mapa-do-ensino-superior-aponta-para-maioria-feminina-e-branca>>. Acesso em: 20 out. 2020.

PEREIRA, A. S. ESCUDO SOCIAL: Uma Proposta de Compreensão para a Relação entre Habilidades Sociais e Apoio Social na Adulter Emergente. INSTITUTO DE PSICOLOGIA PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Rio Grande do Sul, p. 1 – 101, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/196347/001095281.pdf?sequence=1>. Acesso em: 19 mai. 2021.

SANTOS DE MORALES, R.; RECK MAGGI, N.; MARQUES DA SILVEIRA, A. L.; FIGUEIRÓ RAMIRO, J. Contribuições do sociointeracionismo para a aprendizagem de um idioma em plataformas digitais / Contributions from sociointeracionism to the learning of a language in digital platforms. Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, Belo Horizonte-MG, v. 9, n. 2, p. 148–160, 2016. DOI: 10.17851/1983-3652.9.2.148-160. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16732>. Acesso em: 19 mai. 2021.

SERAPIONI, Mauro. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. Ciência & Saúde Coletiva. 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A formação social da mente. 4ª edição. São Paulo: Livraria Martins Fontes. Editora Ltda, 1991.